josé eduardo agualusa

milagrário pessoal

(apologia das varandas, dos quintais e da língua portuguesa,
seguida de uma breve refutação da morte)

língua geral

As palavras, como os seres vivos, nascem de vocábulos anteriores, desenvolvem-se e fatalmente morrem. As mais afortunadas reproduzem-se. Há as de índole agreste, cuja simples presença fere e degrada, e outras que de tão amoráveis tudo à sua volta suavizam. Estas iluminam, aquelas confundem. Umas são selvagens, irascíveis, cheiram mal dos pés, fungam e cospem no chão. Outras, logo ao lado, parecem altivas e delicadas orquídeas.

A Iara interessam sobretudo as palavras recém-nascidas, ainda húmidas, ofegantes, indefesas, caídas de repente nesse vasto alarido que é a vida. Para encontrar eventuais neologismos serve-se de um programa informático, o Neotrack, o qual recolhe, a partir dos jornais do dia disponíveis na internet, as palavras não dicionarizadas.

É menos romântico do que as pessoas pensam, lamentou-se, quando pela primeira vez me falou do seu trabalho. Dei-lhe razão. Por momentos imaginara-a a erguer e a colocar delicadas armadilhas capturadoras de

palavras em lugares esconsos, a horas mortas, ou sentada a um canto, numa taberna da Mouraria, de ouvidos atentos, um Moleskine entre os dedos, anotando o inspirado falar de algum poeta bêbado. Talvez perdida entre uma multidão eufórica — festejando a queda de um tirano, cantando em coro num concerto do Caetano Veloso —, pois é de supor que os grandes êxtases coletivos, os instantes de emoções novas e urgentes exijam e convoquem expressões inéditas.

O Neotrack recolhe as palavras não dicionarizadas, e o que Iara faz, mais tarde, é colocar de lado as gralhas, os nomes próprios, os endereços de internet, enfim, toda a pesada ganga impura, e estudar o que sobra. A cada ano, cerca de trezentas palavras chegam aos dicionários. Isto implica um demorado exercício de paciência, como o que se exige a um velho prospector de ouro. Vez por outra acontece o alvoroço de um súbito fulgor — ou não. Há prospectores, dobrados pelo peso da idade, escurecidos pelo sol e por um profundíssimo ressentimento, que nunca tiveram a sorte de ver um grão de ouro a brilhar na peneira.

Até esta altura qual foi o neologismo mais bonito que tu encontraste?

Iara esperava a pergunta:

Não sei, rendeu-se. Nunca me apareceu uma palavra bonita. Mesmo bonita. A verdade é que os neologismos são

Milagrario pessoal v3.indd 16 05/10/10 17:15

quase todos feios. Acho-os, de uma forma geral, grosseiros e enfadonhos.

Mostrou-me alguns dos neologismos que todos os dias lhe caem nas mãos e fui forçado a concordar. Pareceram-me também a mim um tanto ou quanto toscos, falhos de imaginação, muitos deles torpes, ou tortos e, ademais, de limitada serventia. Entre as palavras recém-nascidas, a taxa de mortalidade é elevada. Muitas padecem de graves defeitos congénitos. São frágeis, mal respiram, não resistem ao duro processo da seleção natural.

E agora isto!

Iara deu uma palmada nervosa na folha de papel à minha frente. Tentei dizer algo capaz de a acalmar, mas não me ocorreu nada. Na minha idade, verdade seja dita, já não nos molesta o assombro. A perplexidade é um mal juvenil, como a anorexia. Quando eu era muito jovem, não existia tal palavra. A doença sim, claro. Havia, por exemplo, uma variedade de anorexia à qual se dava o nome de tísica ou consunção: "A tísica! A tísica! Essa doença simbolicamente dolorosa e triste que devasta os lares, como os cortantes invernos devastam as searas", escreveu Cruz e Sousa em *Missal*. Digamos que a tísica era a anorexia dos pobres ou que a anorexia é a tísica dos prósperos. Na dúvida, regressemos a Cruz e Sousa. Ainda recordo o parágrafo inteiro: "Doença artística e desolada, que dá um

Milagrario pessoal v3.indd 17 05/10/10 17:15

aspecto eminentemente romântico a todas as mulheres" etc., não vos maço mais, perdoem-me a digressão e a ironia. Reli a lista. Reli-a em voz alta, pausada. Não podia ser, era uma coisa que não podia ser e, no entanto, ali estava, sólida e absurda, como os famosos *Mundos impossíveis*, desenhados por M. C. Escher: escadarias que ascendem e descendem ao mesmo tempo, cubos com as arestas cruzadas, água que desce através de um canal, num estranho edifício, até cair, em cascata, em direção ao mesmo ponto, lá embaixo, ou lá em cima, de onde havia partido.

Que lindo, filha. Parece-me um milagre.

O professor não é ateu? Pensei que não acreditasse em milagres.

Claro que acredito em milagres. Inclusive coleciono milagres. Mostrei-lhe este pequeno caderno de capa vermelha, envernizada, onde agora escrevo:

Milagrário pessoal

Vou anotando nas páginas do meu *Milagrário pessoal* os fatos extraordinários que me sucedem, ou de que sou involuntária testemunha, dia após dia. É um diário de prodígios. Os milagres acontecem a cada segundo. Os melhores costumam ser discretos. Os grandes são secretos.

Folheei o caderno, fui lendo ao acaso:

Milagrario pessoal v3.indd 18 05/10/10 17:15

"Quinta-feira, 1 de junho de 2006

Esta manhã, assegurou-me Gina, uma lagartixa dançou para ela. Quis saber que ritmos entusiasmam as lagartixas. Gina ensaiou uns passos. Pareceu-me uma rumba."

"Domingo, 6 de julho de 2008

Cruzou-se comigo, no Chiado, uma menina dos seus dezoito anos. Ruiva, muito ruiva mesmo, a pele atormentada por um enxame de sardas. Ao passar pousou nos meus olhos de velho, já um tanto cansados, o verde húmido dos seus olhos. Então sorriu e disse com um luminoso sotaque carioca: "Aproveite o sol. Um dia destes volto para buscar você." Ocorreu-me primeiro que fosse a Morte. Depois pensei melhor: tão bonita, tão carioca, deve ser antes a ressurreição."

"Sexta-feira, 26 de dezembro de 2008

Ao abrir um figo, encontrei dentro dele um escaravelho dourado. Os figos são polinizados por uma pequena vespa, a qual penetra pelo ostíolo carregando o pólen necessário à fertilização das flores femininas. Não me admiraria, portanto, se encontrasse uma vespa viva dentro de um figo. Um escaravelho acho extraordinário. Pousei-o na palma da minha mão esquerda. Esticou as asas e voou. Deixou na minha pele um breve fulgor dourado."

"Sexta-feira, 28 de agosto de 2009

Esta noite sonhei com um verso de Sophia. Sonhei que o tinha escrito eu. Fiquei tão feliz que continuei a

Milagrario pessoal v3.indd 19 05/10/10 17:15

sorrir mesmo depois de acordar. "O senhor professor parece que viu Deus em toda a sua glória", disse-me Gina enquanto me servia o café. Ter sido Sophia durante alguns segundos não anda muito longe, parece-me, da glória de ver Deus."

"Terça-feira, 8 de dezembro de 2009

Sonhei com um gato morto rente a um muro. Na cabeça, um minúsculo furo. O gato era uma pequena noite enroscada e com formigas. A morte dele prosseguia para muito além do muro."

Iara tentou tirar-me o caderno da mão, excitada:

Não acredito! Quero ver isso.

Não, não, lutei com ela. Há coisas que não podes ler. Os meus milagres particulares.

Milagres particulares?

Ou melhor, milagres íntimos, certas coisas que, caso aconteçam a um jovem de dezoito anos, são triviais, mas que na minha idade podem ser consideradas pequenos prodígios.

Iara corou. Cultivo um prazer perverso em a fazer corar.

O professor é impossível. Nunca vai ganhar juízo? Deu-me um leve soco no ombro e regressou aos neologismos: Acho muito bonito o seu *Milagrário pessoal*, mas comigo não funciona. Não acredito em milagres. Irrita-me, isto. Irrita-me muito. Quero entender o que se está a passar.

Milagrario pessoal v3.indd 20 05/10/10 17:15

As mulheres bonitas enfadam-se com as coisas que não podem ser, os prodígios, os mundos de Escher, porque para elas quase tudo é possível. Uma mulher muito bonita é um desvario cruel da natureza. Não há pior injúria para uma mulher comum do que o confronto com a beleza alheia, em particular se não for possível denunciar-lhe um único erro. Quanto ao homem vulgar, o que pode ser mais perturbador do que a fragrância de um alto pescoço que passa, mas não se detém, de uma estreita cintura que ele nunca enlaçará, do brilho rubro e saudável de uns lábios que jamais pousarão nos seus? As mulheres muito bonitas desorganizam os sistemas sociais. Sou um velho anarquista. Aprendi há muito que uma mulher bonita não se distingue de uma bomba — no meu tempo, aliás, eram sinónimos — a não ser pela natureza do impacto.

Iara foi minha aluna num curso para investigadores, no instituto onde trabalha. Compreendi, ao vê-la entrar pela primeira vez na minha sala, que iria enfrentar dias um pouco difíceis. Podia surgir vestida sem a menor ostentação, umas simples calças de ganga, um casaquinho de lã, discreto, sapatilhas rasas, como as das bailarinas, e, no entanto, era para ela que tendia a atenção da turma. Não adiantava entrar muda e sair calada. O seu silêncio brilhava.

Na maioria das vezes, a beleza goza desta propriedade: emana luz. Em Iara, e ao seu redor, ocorre com

Milagrario pessoal v3.indd 21 05/10/10 17:15

frequência uma luz calada, semelhante à que atravessa o oceano, a pique, e se perde enfim nas profundezas. Durante os meses que se seguiram dei-me conta de como os rapazes se aproximavam dela, mariposas atraídas pelo gume das chamas, e vi-os a arder depois até ao osso. As raparigas olhavam-na com inveja e rancor, segredavam umas com as outras, tecendo uma rede de pequenas intrigas, na qual, ao fim e ao cabo, elas mesmas terminavam enredadas.

Eu era muito alto, em jovem. Muito mais alto do que a média. Depois, à medida que as novas gerações foram surgindo, cada vez mais esgalgadas, fui, por comparação, perdendo estatura. Além disso, encolhi com a idade. Tenho agora um metro e oitenta e dois. Iara é apenas um pouco mais baixa do que eu. Enquanto converso com ela observo-lhe os pulsos finos, as delicadas mãos de fada, a perfeita arquitetura dos ombros. A velhice não nos torna imunes à beleza, longe disso, o que nos impõe é certo apaziguamento. Esta manhã, Iara está ainda mais bonita. Traz um vestido verde, de corte clássico, que deixa os joelhos a descoberto. A indignação — porque ela está indignada — acende-lhe as faces, os olhos, é o rosto inteiro que resplandece:

Veja bem, professor, eu não sou louca!

Não, querida, tu estás lúcida, a realidade é que parece ter perdido a razão. Não te preocupes. A realidade sofre com frequência de surtos psicóticos.

Milagrario pessoal v3.indd 22 05/10/10 17:15

Volto a estudar a lista. Vinte e três palavras, todas elas polidas e perfeitas, lúcidas, evidentes, e — sobretudo — imprescindíveis.

São palavras tão familiares, ou melhor, soam tão familiares, que não parecem neologismos, diz-me Iara. As pessoas ouvem-nas, repetem-nas, e ficam convencidas de que sempre as utilizaram.

Está à beira das lágrimas. É verdade que tem um choro fácil. Uma ocasião desmanchou-se num pranto silencioso apenas porque lhe mostrei num jornal a foto de um macaquinho que havia sido adotado por uma cadela num templo budista, na Tailândia. Confessou-me depois que chega a comover-se ao ver na televisão desenhos animados: os Aristogatas, por exemplo, a história de um amor impossível entre um gato vadio e uma gatinha da alta aristocracia.

Todas aquelas vinte e três palavras haviam surgido em jornais da semana anterior. Reapareceram nos jornais desta semana, em grande variedade de artigos, ou seja, já integradas no idioma.

Mas não é tudo, professor. Julgava que era só isto?

Tirou de uma pequena pasta de couro uma folha de papel e pousou-a à minha frente:

Veja. São mais de cem palavras originais. Palavras como as anteriores, tão perfeitas, tão ajustadas, tão atuais,

Milagrario pessoal v3.indd 23 05/10/10 17:15

que ninguém as acha novas. A gente julga que são da família, que crescemos com elas. A estas descobri-as ontem. Isto não pode continuar!

Li a folha, fingindo um espanto que não sentia:

Falaste com mais alguém?

Não, professor, não falei. Não tive coragem de falar com mais ninguém. Imagina como reagiria a minha chefe? Não sei o que fazer. Só o professor me pode ajudar.

Eu?! E por que eu?…

Ora, o professor sabe muito bem por quê.

Claro, eu sabia por quê, mas queria ouvi-la dizer. Sou vaidoso. Sempre fui. Em jovem, padecia de um indisfarçável narcisismo. Gostava de espelhos. Os espelhos gostavam de mim.

Agradava-me posar para a objetiva das máquinas fotográficas. Depois, à medida que fui envelhecendo, passei a procurar outro tipo de espelhos. O espelho de um intelectual é a sua audiência. Uma sala cheia de alunos transforma-se, para um intelectual vaidoso, num magnífico salão de espelhos. Iara viera à minha procura porque eu fora o melhor professor que tivera em toda a vida.

E mais? Não foi apenas por ser um bom professor…

Não, tem razão. Vim procurá-lo porque o professor é a única pessoa a quem eu posso contar uma história tão inconcebível sem receio de ser internada num hospício. O

Milagrario pessoal v3.indd 24 05/10/10 17:15

professor disse numa aula que foi criado numa sociedade afeiçoada ao absurdo — lembra-se? Disse-nos que em África, onde nasceu, a realidade não se distingue do sonho, e que isso lhe parecia um princípio sábio.

Sem dúvida. O difuso território de fronteira que separa o sonho da realidade é chão muito fértil. Aprendi isso em Luanda. A minha avó gostava de me contar a história da família. O meu avô paterno foi um extraordinário caçador. Uma tarde, enquanto caçava, escutou gritos que saíam do interior de um embondeiro. Ordenou aos seus auxiliares que escavassem o tronco da árvore, e lá dentro, flutuando numa água espessa e noturna, encontraram um menino dos seus quatro anos. O meu avô levou o menino para casa, deu-lhe o nome de Esaú, e criou-o como a um filho. Conheci-o muito bem, a este meu tio Esaú. Divertia-nos a nós, as crianças, imitando na perfeição o canto das aves. Punha-se a cantar e as rolas vinham e pousavam-lhe na cabeça. Trabalhou durante muitos anos como mecânico. Um dia saiu de casa e foi morar numa árvore. Uma mangueira, se bem me lembro, que ocupava o fundo do quintal, junto à oficina de mecânico. As pessoas não acharam estranho. Afinal de contas, Esaú nascera de um embondeiro. Tinha certa propensão para vegetal.

Tu achas que a fonte é a mesma, certo?

Sim, professor. Tem de ser a mesma.

Milagrario pessoal v3.indd 25 05/10/10 17:15

Um génio?

Não sei, não faço ideia, pode ser um grupo, sorriu, uma espécie de academia de logótetas.

Estou a ver. Soltei uma gargalhada. Gosto de rir alto. É o que me sobra da infância. O que teima em mim de africano. Aos oitenta e tantos anos já só sou preto quando rio. Uma alegre academia de logótetas. Digamos, a Academia Guimarães Rosa. Nem é difícil adivinhar os nomes dos membros: Manoel de Barros, o poeta do Pantanal, segundo o qual os homens precisam de reaprender a errar a língua:

> Nas Metamorfoses, em duzentas e quarenta fábulas,
> Ovídio mostra seres humanos transformados em
> pedras, vegetais, bichos, coisas.
> Um novo estágio seria que os entes já transformados
> falassem em dialeto coisal, larval, pedral etc.
> Nasceria uma linguagem madruguenta adâmica,
> edênica, inaugural —
> Que os poetas aprenderiam — desde que voltassem às
> crianças que foram
> Às rãs que foram
> Às pedras que foram.

Gostas? Devias ler. Teríamos ainda na tal academia o angolano Luandino Vieira, meu conterrâneo, que sofreu

Milagrario pessoal v3.indd 26 05/10/10 17:15

uma epifania ao ler Rosa enquanto estava preso no Tarrafal, ilha de Santiago, Cabo Verde, no início dos anos sessenta, e deixou de ser um militante nacionalista com vagas ambições literárias para se transformar num genuíno escritor. Por fim, Mia Couto, moçambicano da Beira, que chegou a Rosa através de Luandino, e se tornou em pouco tempo no mais conhecido produtor de neologismos da língua portuguesa. Faz uma falta danada nesta academia um escritor português.

Iara sacudiu a cabeça, irritada:

Se nem o professor me leva a sério.

Fez menção de se levantar. Impedi-a com um gesto, primeiro porque sempre que ela se levanta parece que o mundo inteiro se ajoelha, o que me incomoda um pouco, e depois porque uma súbita inquietação me assaltara o espírito.

Não se trata da língua, não se trata apenas da língua. Tens medo, e eu acho que sei do que é que tens medo.

Como assim?

Por que te inquieta tanto esta situação, pensaste nisso?

Porque não podem fazer isso. Não se mexe na língua desta forma. É uma, nem sei como dizer, uma coisa perigosa, um…

Um ato de subversão? Lógico. Repara que ao enriquecer a língua, criando palavras de que nem sabíamos que precisávamos, palavras das quais, entretanto, já não

Milagrario pessoal v3.indd 27 05/10/10 17:15

nos conseguimos separar, essa pessoa, ou pessoas, quem quer que seja, está também a contribuir para que o nosso pensamento se desenvolva, se torne mais complexo. Trata-se, com efeito, da mais radical das subversões, a de melhorar uma civilização sofisticando o seu idioma.

A voz de Iara subiu uma oitava:

Devemos ter medo de pensar melhor?

Nós não. O sistema, sim, o sistema tem motivos para se preocupar. O sistema não gosta que as pessoas pensem.

Esqueço-me de vez em quando que o professor é anarquista, disse Iara.

Sorria, a tentar a ironia. Devo ter-lhe contado que combati na Guerra Civil de Espanha, ao lado dos Republicanos. Era uma criança, na época. Por vezes bebo um pouco além da conta e ponho-me a recordar os velhos tempos.

Eu acho que não é tão grave, prosseguiu Iara. Trata-se apenas de uma brincadeira. Seja como for, pretendo descobrir o que se passa. Só não sei por onde começar. O professor vai ajudar-me, não vai?

Nunca soube dizer que não a uma mulher bonita. Além disso, estava há muitos meses fechado em casa, sem um projeto, sem uma janela aberta sobre o futuro, entretido a reler velhos papéis. Achei que aquilo me faria bem.

Milagrario pessoal v3.indd 28 05/10/10 17:15